

Vinicius Cardoso Vieira /CB/DA Press.



Um adeus à dama da gravura

Mestre de uma difícil técnica de **gravação** e pioneira na produção **artística de Brasília**, **Lêda Watson morreu** no domingo, e deixa um **legado que formou** gerações de artistas da cidade

» MARIA ALVES
» NAHIMA MACIEL

Um dos nomes responsáveis por colocar a gravura no mapa das artes de Brasília e por se dedicar à criação de um espaço de ensino e produção dessa técnica na cidade, a artista Lêda Watson morreu na manhã de domingo, aos 93 anos. A artista foi internada em decorrência de uma queda e morreu de uma sepse. Ela deixa três filhos, cinco netos e cinco bisnetos.

Neta do pintor e arquiteto Pedro Campofiorito e sobrinha do jornalista Quirino Campofiorito, Lêda Saldanha da Gama Watson cresceu num meio artístico e escolheu a gravura em metal como meio de expressão. Depois de estudar com Orlando Dasilva, no Rio de Janeiro, e com Johnny Friedlander, em Paris, a artista traçou um caminho pela gravura que a levaria a tornar-se mestre da impressão em metal. Da Escola de Belas Artes do Rio para a École Nationale des Beaux-Arts da Sorbonne na capital francesa, onde morou com o então marido, o diplomata Sérgio Watson, na década de 1970, Lêda dominou com maestria uma técnica que a transformou em referência nacional.

A artista chegou a Brasília em 1973 e, na capital cuja construção acompanhou especialmente pelo olhar do tio, o arquiteto Ítalo Campofiorito, que trabalhou com o Oscar Niemeyer, firmou-se como um dos nomes mais importantes da gravura. No ateliê, dividia-se entre o trabalho criativo e a formação com aulas pelas quais passaram gerações de artistas da cidade. Primeiro, no próprio ateliê, depois, em salas alugadas e em uma casa na W3, conforme a fama crescia e a procura por parte dos alunos aumentava, até voltar ao próprio ateliê, uma casa no Lago Sul, na qual dava aulas, imprimia os próprios trabalhos e realizava as tradicionais feiras de gravura.

Segundo artigo do pesquisador Júlio Reis, que estuda a obra da artista, Lêda chegou a formar mais de 400 gravadores na cidade. “Ela desempenhou um importante papel na história da arte brasileira ao desenvolver uma nova linguagem contemporânea original para sua gravura abstrata formal inspirada na paisagem do cerrado”, explica Reis, que é historiador e crítico de arte. “Além do domínio absoluto das técnicas da gravura em metal, a artista construiu uma poética completamente original misturando o universo onírico e a figuração humana em meio a natureza.”

A pedagogia usada por Lêda, que deixava aos alunos inteira liberdade e se concentrava no ensino concreto das técnicas de gravura, tornou-se uma referência e deu origem ao Núcleo de Gravadores de Brasília. Em 1982, junto com os artistas Betty Bettiol e Anselmo Rodrigues, ela criou um centro de cultura com o ensino das mais diversas técnicas. O nome de Lêda também esteve à frente da fundação do Museu de Arte de Brasília (MAB), inaugurado em 1985 e à frente do qual a artista permaneceu por alguns anos.

A produção de Lêda também teve forte influência do Cerrado. A vegetação do Planalto Central aparece com destaque em muitas de suas coleções de gravuras, cujas cores também dialogam com a paisagem local. “Ela foi uma inovadora, porque, em termos de técnica, quando você faz gravura em metal colorida, você

Arquivo pessoal



tem uma placa para cada cor e Lêda conseguiu, trabalhando com relevos diferentes na mesma chapa, imprimir a cor no mesmo momento, ela usava somente uma chapa para fazer de uma única vez”, conta a também gravadora Helena Lopes. “E a coisa que eu achava de mais genial nela é que escreveu dois livros sobre técnica. São raríssimos os livros escritos no Brasil sobre as técnicas de gravura, a maioria são traduzidos.” Em 2008, Lêda publicou *Sonhos, momentos, emoções: técnicas e gravuras* e, em 2019, veio *Pelos caminhos da gravura: fragmentos de uma paixão definitiva*.

Para a artista Sara Seilert, ex-diretora do Museu da República, Lêda será para sempre uma referência tanto na gravura quanto na gestão cultural. “Tanto porque foi a primeira diretora do Museu de Arte de Brasília, quanto pelos saraus que organizava no seu quintal. Foi professora, artista de técnicas próprias e singulares, artista organizada sobre o seu trabalho: me lembro quando mostrou seus cadernos e anotações que mostravam o paradeiro de cada item que produziu quando pensávamos em uma exposição individual em retrospectiva”, conta Sara.

O artista Ralph Gehre acompanhou a trajetória da gravadora durante as últimas cinco décadas e acredita que ela imprimiu uma assinatura na história da gravura brasileira. “Ela tinha uma assinatura feminina e determinava um espaço de trabalho das artistas

Arquivo pessoal



Lêda Watson e seus alunos: ela formou várias gerações de gravadores na cidade

mulheres”, garante Gehre. “No Brasil, teve um grupo muito significativo, de excelentes artistas na virada dos anos 1960/1970, e Lêda é um exemplo vibrante dessa produção. Ela trabalhou uma abstração, uma relação direta entre figuração e abstração e numa linguagem de gravura que é maravilhosa, emocionante.”

Betty Bettiol conheceu Lêda em 1979 e foi aluna da artista por mais de cinco anos. “Tudo que eu aprendi de gravura foi com a Lêda. Ela era uma pessoa muito energética, muito positiva, muito firme”, conta. “Foi quem mais colaborou para a gravura aqui em Brasília.

Ela lutou bastante junto à Secretaria de Cultura, em favor do MAB. Sempre foi uma pessoa que lutou muito por isso. E sempre as artes estavam presentes na vida dela. Até pouco tempo, ela ainda fazia exposições na própria casa para facilitar. É uma perda triste”, lamenta.

O gravador Luiz Gallina procurou Lêda quando chegou a Brasília, em 1979, para aprender a fazer gravura em metal. Ele já trabalhava com xilogravura, mas queria experimentar a gravação em metal. “Ela era uma grande gravadora e impressora porque, numa placa só, botava duas, três, quatro cores. Isso é uma coisa difícil de fazer. Precisa de um controle muito grande da temperatura da placa, para não fritar e nem secar a tinta, é como se estivesse andando no fio da navalha. As impressões das gravuras dela eram muito trabalhosas e ela mantinha o controle de tudo”, lembra Gallina, que também ressalta a importância do reconhecimento da artista no exterior.

Segundo ele, que também é professor da Universidade de Brasília (UnB), Lêda tinha uma personalidade que incorporava uma postura proativa e fazia as coisas acontecerem. “Ela, uma gravadora carioca, que se casou com um diplomata e foi morar em Paris. Imagina: uma artista brasileira chega a Paris, monta sua telinha e começa a vender as gravuras. Ela vendia para o mesmo pessoal que comprava as gravuras do Salvador Dalí, que iam em busca dessa coisa que ela tem. Não é fácil de acontecer. Imagina, você sai daqui, vai e faz sucesso em Paris. Isso não é pouca coisa não”, diz o artista.